

Instituto Socioambiental

fonte: VEJA

class.: 404

data: 3/5/95

pg.: 112-7

CULTURA

O parto brasileiro

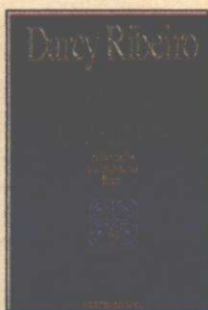
Branco, índios e negros se chocam e se fundem no maior espetáculo da Terra, na visão do mestre Darcy Ribeiro, o pajé patriota

GERALDO MAYRINK

O espelho tem sido a única coisa ruim na vida de Darcy Ribeiro, nestes dias em que ele lança três livros ao mesmo tempo e seus cabelos brancos voltam a florescer. Para um homem de tantas faces, é quase uma tragédia. Nos espelhos à sua esquerda, no apartamento de Copacabana onde vive, no sítio à beira-mar em Maricá onde descansa e no gabinete nº 21 do Senado onde trabalha, reflete-se "uma cara que ficou menor", "horrorosa". Pior: "cara de guarda-livros", e não a do cabeludo impetuoso que foi ministro de Estado e vice-governador do Rio, é antropólogo, professor, político, senador, romancista, poeta, imortal da Academia Brasileira de Letras, plantador de coco, criador de minhocas e ainda acha pouco.

Darcy Ribeiro é uma figura rara no Brasil atual. É um dos poucos intelectuais que pensam o Brasil em conjunto, um dos últimos gurus dessa família em extinção. Os intelectuais brasileiros, sobretudo os que ganham a vida nas universidades, ocupam-se de retalhos do país. Não há gente por aí trabalhando em grandes painéis, como fizeram Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda ou Gilberto Freyre. Lê-se História do Brasil hoje em dia em autobiografias, como a de Roberto Campos, ou em biografias como *Chatô, o Rei do Brasil*, do jornalista Fernando Morais. Darcy Ribeiro pensa o Brasil inteiro, esta é sua diferença.

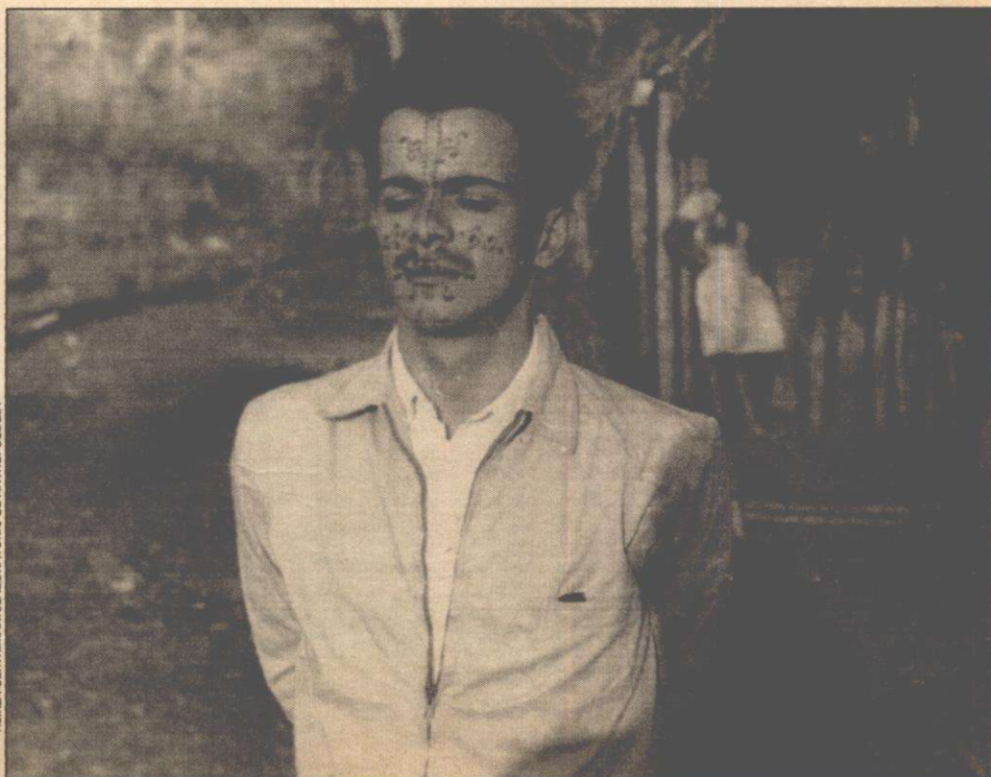
Aos 72 anos, acaba de lançar um livro de 470 páginas, *O Povo Brasileiro — A Formação e o Sentido do Brasil* (Companhia das Letras, R\$ 22,00), que vinha sendo escrito e reescrito há trinta anos e cuja publicação se tornou urgente ante a iminência da morte. É um texto tão candente que o autor vai logo avisando: "Não se iluda comigo, leitor. Além de antropólogo, sou homem de fé e de parti-



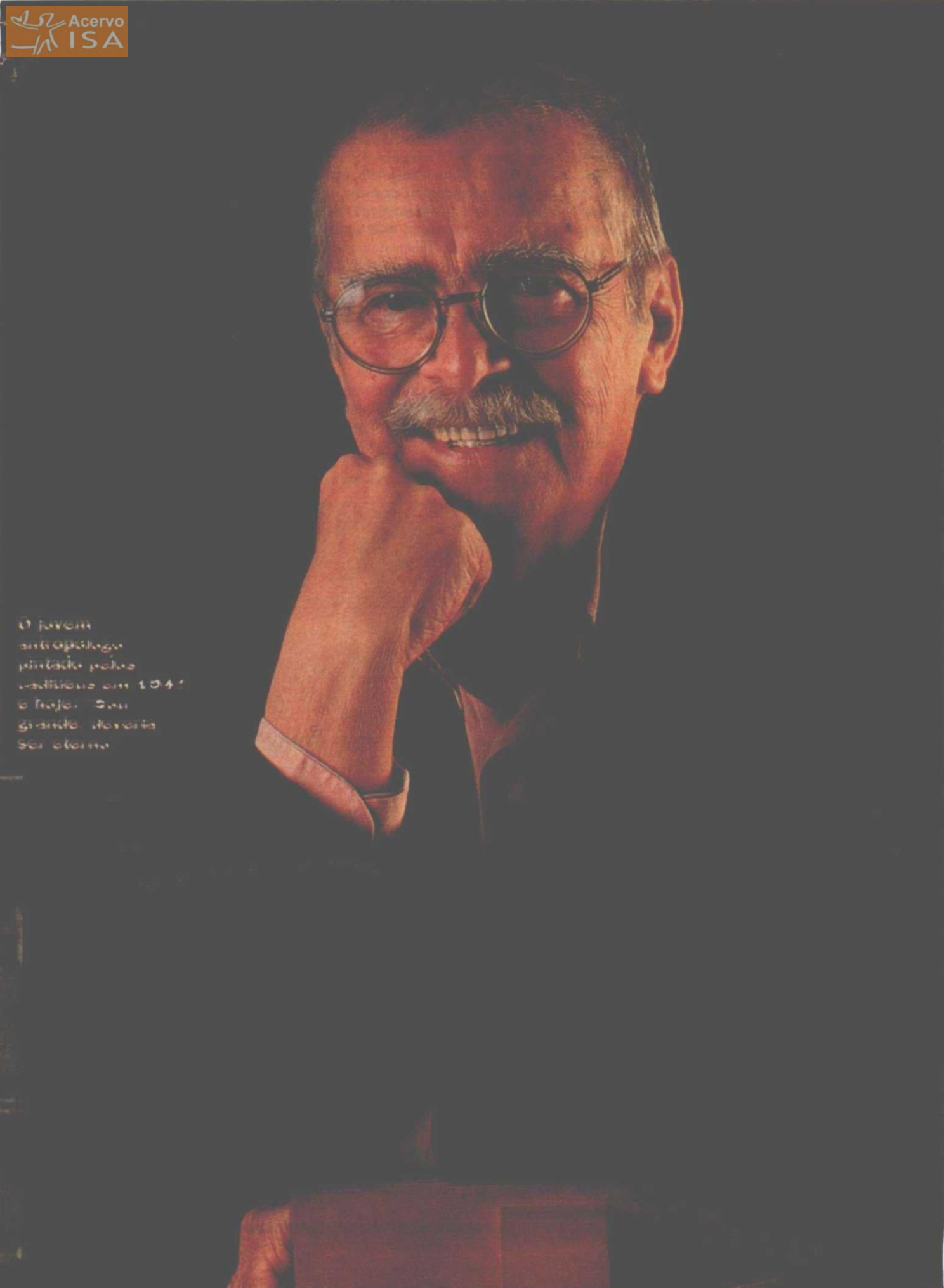
do. Faço política e faço ciência movido por razões éticas e por um fundo patriotismo. Não procure, aqui, análises isentas". Darcy Ribeiro nunca foi um acadêmico enrolado em metodologias. Ele é apaixonado pelo Brasil de uma forma tão desbragada que em certas passagens do livro faz poesia e não ciência. Para ele, o Brasil é o mais fascinante lugar do

universo, o índio é um ser superior e o mameluco, um herói da Roma imperial. É talvez apaixonado em excesso, mas isso faz o vigor e o encanto de seu livro. Ele é generoso no seu entusiasmo e colérico no seu julgamento das taras nacionais, em especial da tendência da classe dominante para a irresponsabilidade e para o crime.

Também não se deve procurar um Darcy Ribeiro isento nos outros dois livros que ele está lançando: *O Brasil como Problema* (Livraria Francisco Alves), coletânea de discursos reescritos, sobre temas diversos, talvez antiquados, como nacionalismo e reforma agrária, e *Noções de Coisas* (Editora FTD), "para abrir a cabeça dos adolescentes", propondo testes provocativos. Um deles: quem você embarcaria na arca de Noé, mil cientistas ou mil feirantes? (Resposta no fim deste texto.) Um triplice acontecimento literário, portanto, se Darcy fosse apenas um escritor com mais de trinta livros publicados e traduzidos em várias línguas. Como é mais do que isso, surgiu uma *mise-en-scène* de ocasião. Darcy voou para Brasília no Dia do Índio, 19 de abril, levando ciência e credices na alma e na mala. A alma ele lavou botando um cocar na



HEINZ FOERTHMANN/LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA



O jovem
antropólogo
plutôneo pela
realidade em 1941
e depois: Sua
grande utopia
Sei o nome

cabeça na inauguração do Memorial dos Povos Indígenas, muitos deles seus conhecidos de vida e de estudos, de nomes terena, caiova, cadieu. Na mala, pôs garfos e talheres entortados pelo parapsicólogo Thomas Green Morton, com quem vem fazendo sessões de energização há dois meses. Queria mostrá-los aos colegas de Senado, que acha o melhor clube do mundo mas que está cheio de gente cética. Darcy não. Ele diz "Rá" quando se encontra com Morton e se orgulha de contar que muitas tribos vêm tocando tambor para que sua saúde melhore. "O sobrenatural existe, mas minha tese é que o sobrenatural é natural", explica.

Para ele tende a parecer natural mesmo. Darcy viveu várias vidas enquanto a maioria dos mortais mal consegue viver uma. O político esteve com o presidente João Goulart, em 1962, como ministro da Educação, e como chefe da Casa Civil, em 1963 e 1964, quando partiu para um exílio que duraria doze anos. Em 1982, foi o vice-governador de Leonel Brizola no Rio de Janeiro, numa época em que o gaúcho falava em "socialismo moreno", um conceito que parece ter mais do antropólogo Darcy, o amante do Brasil café-com-leite, do que do engenheiro Leonel. Em todas as vidas que teve, seja como cientista, político, escritor ou o último dos românticos, Darcy Ribeiro sempre conseguiu ser um personagem. Quando ele está por perto, os acontecimentos nunca são banais. Veja-se um recente diálogo, de um cinismo cordialíssimo, feito para os holofotes, entre dois homens de esquerda, ambos cientistas sociais e ex-exilados políticos, hoje em campos quase opostos, um no auge da carreira e o outro abatido numa cama de hospital. Este falou primeiro:

— Queria estar na sua situação, com esse topete. Você está lindo, Fernando Henrique!

— Tenho fé em Deus que você escapa dessa — respondeu o outro.

Os opositores vêm em Darcy a marca do populista simpático, vaidoso e autoritário, sempre culpando as elites por tudo, com perdão apenas para aqueles que comprarem o livro dele. Este homem, conforme essa visão, estacionou num nacionalismo do pós-guerra, raciocina tendo como pano de fundo a Guerra Fria, ignora a existência de um sistema econômico, de comunicações e cultural que se expande em escala mundial. E

desconhece o fato de que as sociedades nascem, crescem e se dissolvem sem pedir licença para sociólogos, críticos literários e cientistas políticos. Há mais. Darcy, para quem o vê através de um filtro crítico, faria companhia intelectual a autores que pretenderam explicar o Brasil a partir de uma visão estetizada de nossas origens. Na literatura, esse fenômeno produziu José de Alencar e seus indígenas idealizados. Na pré-sociologia, o melhor exemplo é Paulo Prado, criador da célebre teoria do "povo triste". Outro expoente é Afonso Celso, autor de *Por que Me Ufano de Meu País*.

O esforço de conhecer o país e tentar explicá-lo ganhou outra dimensão em nosso século, com a obra de intelectuais como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo. Darcy Ribeiro, alega-se, recaiu no mais querido dos mitos românticos, aquele que explica o Brasil a partir do encontro de três raças

— o branco, o negro e o índio. Por último: será que é possível mesmo "explicar" a realidade complexa e volátil de um país a partir de um esquema intelectual qualquer?

Em parte, Darcy concorda com algumas dessas críticas, à sua maneira, é claro: "Há países que deram certo e não dão a menor bola para seus intelectuais. Mas os países que não deram certo têm de dar um pouco de atenção. Há um lugar para nós". Por estar no olho de vários furacões, o mestre-de-cerimônias que agora tenta explicar o povo brasileiro talvez tenha desenvolvido essa sua relação tão especial com espelhos. Faz tempo — muito antes de ter perdido um pulmão, em 1974, e de um câncer na próstata, além da pneumonia que o internou numa UTI de hospital no fim do ano passado. Se o espelho de Darcy falasse, diria: "Sou grande mesmo. Vivo comigo há tanto tempo e gosto. Gosto de mim. Fui bem-



O descobrimento, por Oscar Silva: os pecadores contra os inocentes

Trechos

“ Os recém-chegados eram gente prática, experimental, sofrida, ciente de suas culpas oriundas do pecado de Adão, predispostos à virtude, com clara noção dos horrores do pecado e da perdição eterna. Os índios nada sabiam disso. Eram, a seu modo, inocentes, confiantes, sem qualquer concepção vicária,

mas com claro sentimento de honra, glória e generosidade, e capacitados, como gente alguma jamais o foi, para a convivência solidária.

Aos olhos dos recém-chegados, aquela indiada louça, de encher os olhos só pelo prazer de vê-los, aos homens e às mulheres, com seus corpos em flor, tinha um defeito capital: eram vadios, vivendo

uma vida inútil e sem prestança. Que é que produziam? Nada. Que é que amalhavam? Nada. Viviam suas fúteis vidas fartas, como se neste mundo só lhes coubesse viver.

•
O espantoso é que os índios como os pretos, postos nesse engenho deculturativo, consigam permanecer humanos. Da condição de escravo só se sai pela porta da morte ou da fuga. Seu destino era

feito. Tive até câncer, que não era para mim. Deveria ser imperador do Brasil. Morrer é uma pena. O mundo ia ficar órfão sem mim. Também não merecia envelhecer. Deveria ser eterno". Com pajelança ou não, já suspendeu a quimioterapia, a pneumonia passou. Descobriu recentemente que um Lorax de 1 miligrama lhe garante bom sono e um bom dia seguinte. Essa, enfim, é a grande face da campanha do brasileiro Darcy: "Eu peço a Deus, e ao diabo também, para viver, mas com tesão, com interesse, eu sou uma máquina de comer papel".

As coisas andam tão bem para Darcy que na mesma semana do Dia do Índio a Fundação Nacional do Índio, Funai, anunciou que pela primeira vez em muitos anos o número de nascimentos nas tribos havia crescido na maioria dos 200 povos e 170 culturas, que hoje somam 250 000 pessoas. Essa "mudança afortunada" já havia sido prevista nas últimas

páginas de *O Povo Brasileiro*. Seria o caso de comemorar, mas o quê? É o que o livro tenta responder em capítulos que falam de gestação étnica, guerras, cidades e vilas, classe e poder, raças, os brasis crioulo, caboclo, mulato, mameluco, caipira, sertanejo, gaúcho, ítalo, nipo, teuto e por aí afora. Ambição não lhe falta, embora ostente também um pouco de modéstia. "O que alcançamos são algumas generalizações válidas que lançamos aqui e ali, iluminando passagens", diz Darcy. Para ele, "a procura intelectual dessas generalizações é irresistível". A tarefa era quase impossível. Para refletir sobre si próprio, o Brasil dispõe apenas do testemunho do invasor português que aqui chegou nos primeiros tempos, seguindo-se, depois, os depoimentos de seus sucessores que escravizaram e massacraram negros e índios. A perspectiva de Darcy Ribeiro em *O Povo Brasileiro* é outra. "Nenhum povo vive sem uma teo-

ria de si mesmo. Se não tem uma antropologia que a proveja, a improvisa e a difunde no folclore."

Os índios eram 5 milhões, segundo a "demografia hipotética" de Darcy, e protagonizavam o que talvez fosse o maior espetáculo da Terra em 1500 — o encontro sangrento entre a civilização e a barbárie, dependendo do ponto de vista para saber qual das duas é o quê. Darcy, homem de fé e de partido, não duvida. "Os índios eram maravilhosos, agigantados, muitíssimos bem proporcionados, com esplêndidos corpos bons de andar, de correr, de nadar, de lutar", escreve.

O destino dessa gente estava decidido antes mesmo que se soubesse da existência dela, com a bula papal *Inter Coetera*, de 4 de maio de 1493, tornando povos e terras "legitimamente possuíveis e escravizáveis" por Portugal e Espanha. Assim, o paraíso foi castigado com uma serpente. Ela trouxe a peste na pele dos navegadores "barbudos, hirsutos, fedentos, escalavrados de feridas de escorbuto". Os nativos viraram gado humano, morrendo feito moscas e escarando sangue, porque a chegada do europeu equivaleu a um tremendo poder destrutivo, "na guerra bacteriológica travada pelas pestes que trazia no corpo e eram mortais para as populações". Esse é o cenário do nascimento do brasileiro, na visão de Darcy. Do ventre das índias saíram nossos ancestrais. Isso se deu através de um fenômeno que ele chama de "cunhadismo". Ao tomar uma índia como esposa, o europeu estabelecia automaticamente mil laços que o aparentavam com todos os membros do grupo.

Essa é a história no seu começo. Para atingir o seu meio e vislumbrar uma conclusão Darcy não teve medo de meter a mão num vespeiro. Para começar: onde mora o brasileiro, como é sua terra? "Numa terra formosa vive um povo triste", descreveu o escritor Paulo Prado em *Retrato do Brasil*, de 1928, mesmo ano do alegríssimo e malandríssimo *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Vive também "na mais bela e luminosa província da Terra, uma Roma tardia e tropical, mais alegre, melhor e mais generosa", nas palavras com que Darcy encerra *O Povo Brasileiro*. Além de habitante dessa paisagem movediça, o brasileiro, como se sabe, costuma também ser descrito como um ser metafísico. Ele não é só o Jeca Tatu de Monteiro Lobato



Porão de navio negreiro, por Rugendas: a máquina de moer gente

morrer de estafa. Sem amor de ninguém, sem família, sem sexo que não fosse a masturbação, sem nenhuma identificação possível com ninguém — seu capataz podia ser um negro, seus companheiros de infortúnio, inimigos —, maltrapilho e sujo, feio e fedido, perebento e enfermo, sem qualquer gozo ou orgulho do corpo, vivia a sua rotina. Esta era sofrer todo o dia o castigo das chicotadas soltas, pa-

ra trabalhar atento e tenso. Quando chamava a atenção, recaía sobre ele um castigo exemplar, na forma de mutilações de dedos, do furo de seios, de queimaduras com tição, de ter todos os dentes quebrados criteriosamente, ou dos açoites no pelourinho, sob 300 chicotadas de uma vez, para matar, ou cinquenta chicotadas diárias, para sobreviver.

Se fugia e era apanhado,

podia ser marcado com ferro em brasa, tendo um tendão cortado, ser queimado vivo, em dias de agonia, na boca da fornalha ou, de uma vez só, jogado nela para arder como um graveto oleoso. A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. ”

Raízes e retratos de um país

Novos e velhos textos nas livrarias

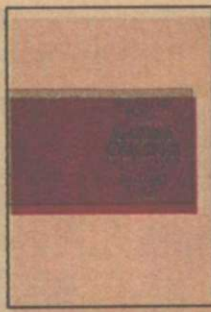
O primeiro brasileiro a deixar suas impressões digitais em livro foi um poeta — e português, além de tudo. *O Primeiro Brasileiro* (Editora Marco Zero) é a biografia de Bento Teixeira (1561-1600) escrita por Gilberto Vilar, diretor da Funarte, lançada na semana passada. Cultíssimo, temperamento inquieto, Teixeira veio para o Brasil com 6 anos e daqui só saiu, para nunca mais voltar, aos 34, preso pela Inquisição, acusado de heresia. Cristão-novo, teve uma vida atormentada. Para dizer o mínimo: matou a mulher adúltera e esteve, por causa de sua origem judaica, a um passo da pena de morte, da qual se salvou defendendo a si próprio diante dos inquisidores, estupefatos com sua cultura e inteligência.

Bento Teixeira dedicou metade de sua vida a *Prosopopéia*, o primeiro poema de inspiração nacional e épico de indistigável influência camoniana, cantando os feitos do terceiro donatário de Pernambuco, dom Jorge de Albuquerque. Longe de ser uma obra-prima, tem o mérito do pioneirismo que transforma seu autor, como diz o escritor João Antônio, no portador da mensagem atrevida "para que, um dia, afinal, comecemos a descobrir e pensar o Brasil". Pensar o país também é o motor da "brasileira" *Retratos do Brasil*, da editora Companhia das Letras. Acabam de chegar às livrarias as reedições de *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, num volume organizado por Joaci Pereira Furtado, da Universidade de São Paulo, e de *Apontamentos de Viagem*, de Joaquim de Almeida Leite Moraes, avô de Mário de Andrade, que traz introdução, cronologia e notas assinadas pelo crítico literário Antonio Candido. Na semana que vem, sai *Jornal de Timon*, do jornalista e político maranhense João Francisco Lisboa, com edição do historiador José Murilo de Carvalho. Publicado sob a forma de folhetins, inicialmente mensais e depois sem regularidade, entre 1852 e 1858, o *Jornal* tratou de temas que continuam na ordem do dia da política brasileira, como a corrupção.

O "boom brasileiro" não fica nisso.

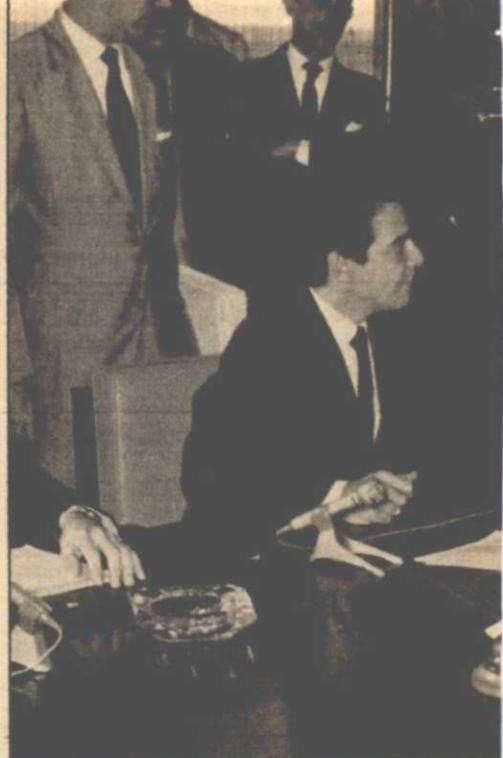
No final do ano passado, a Edusp lançou sua *Coleção Didática* justamente com uma História do Brasil, escrita pelo historiador Boris Fausto. Em março passado, voltou às livrarias um clássico da formação nacional: *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Há uma semana, a editora gaúcha Paraula colocou à venda uma nova edição de *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco.

Por que tudo isso? "O Brasil sempre foi pensado com sucesso por nossos ficcionistas. De Machado de Assis a João Ubaldo Ribeiro. A grande novidade é que os não ficcionistas que se debruçam sobre o país agora estão reaparecendo bastante. A ficção



trata o Brasil de modo metafórico. O ensaísmo o explicita. Neste momento as pessoas estão com fome de explicitação — daí tantos lançamentos nessa área", analisa o editor Pedro Paulo de Sena Madureira, da Siciliana, que acaba de colocar na praça *Brasil na Cabeça*, coletânea de artigos ensaísticos do cineasta-jornalista Arnaldo Jabor.

A pergunta que se poderia fazer a esta altura é a seguinte: depois de obras como *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre (1933), *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), de Caio Prado Júnior, a idéia de analisar o país sob uma ótica totalizadora, como tenta Darcy Ribeiro, ainda faria sentido? Cada época produz seus acontecimentos — e também uma ótica sob a qual o passado é analisado. Livros subsequentes sobre o Brasil serão sempre uma releitura do mesmo fenômeno. Se a História não acabou, também não acabou a maneira de enxergá-la.



Como ministro da Educação do presidente João Goulart (1962), deposto em 1964: doze anos de exílio

nem apenas o Macunaíma de Mário de Andrade. É também o forte de Euclides da Cunha. É um grande preguiçoso e um grande trabalhador. Seu caráter se

mede pela hospitalidade, cordialidade e generosidade, mas seria engano supor que essas virtudes possam significar boas maneiras e civilidade, nas palavras do historiador Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*. Este clássico de 1936 acaba de ser reeditado entre um punhado de livros, novos e antigos, que recheiam ainda mais as discussões sobre o povo brasileiro puxadas pelo texto de Darcy (leia quadro).

O Brasil aumentou a sua máquina de moer gente, inaugurada com os índios, com os cerca de 6,3 milhões de negros trazidos pelo tráfico entre 1540 e 1860. Era o que faltava para o brasileiro virar brasileiro. Darcy sustenta que a grande obra de Portugal não foi o saque de 1 400 toneladas de ouro e 3 milhões de quilates de diamantes, durante o período colonial, mas criar a possibilidade para que surgisse um povo-nação plasmado principalmente pela mestiçagem. No seu estilo exuberante, pontilhado de expressões raras como "achamento", "fazimento" e "criatório de gente", ele escreve: "Somos interiorizadamente tão deseuropeus como desíndios e desafios". Quer dizer: o preto, como o índio (e o filho deste), sabem-



FOLHA IMAGEM

do-se não africano como os negros boçais que via chegando, sentia-se desafiado a sair de sua "ninguendade" — era um "protobrasileiro por carência".

Os mestiços filhos de índias povoaram o Brasil em tupi, a língua materna, e os negros, trazidos de tribos diferentes, tiveram de adotar o português para se comunicar entre si. Foram eles, por isso, que garantiram a consolidação da língua portuguesa no país. Darcy sustenta que os brasileiros não são europeus transplantados para outro hemisfério, como a maioria dos norte-americanos, mas mestiços de brancos, índios e negros.

Dá a brasilidade e a pregação messiânica de *O Povo Brasileiro*, capazes de identificar aqui tudo de maravilhoso que em outras terras é "insosso". Dá a indignação com que descreve o profundo processo de degradação do caráter do homem brasileiro da classe dominante, "enfermo de desigualdade", e a conformação geométrica das classes sociais brasileiras, que não podem ser representadas por um triângulo porque são na verdade um funil invertido, com um ápice finíssimo, de pouquíssimas pessoas — as famosas elites, parasitárias e repressivas. "A grande herança histórica brasileira é a façanha de sua própria constituição como um povo étnica, nacional e culturalmente unificado", escreve Darcy. Os males

que nos assolam são, assim, quase todos importados. "O mundo tal qual é, esta porcaria chamada de Terceiro Mundo é obra do homem branco", diz. E mais: "Quem quiser acabar com o crime organizado deve conter o subsídio ao vício dado pelos norte-americanos".

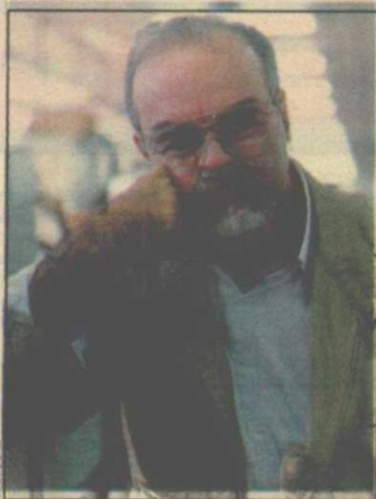
Falam nesses textos o antropólogo, o político, o visionário, o romântico e quem mais? Entre seus pares dispostos a comentar o assunto, a totalidade de Darcy é vista tanto com respeito como com reservas. João Pacheco de Oliveira, antropólogo do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor de diversos trabalhos sobre política indianista e relações interétnicas, por exemplo, não hesita em colocar um livro de Darcy, *Os Índios e a Civilização* (1970), ao lado de bíblias do pensamento social brasileiro, como *Raízes do Brasil* e *Casa Grande & Senzala*. Acha que *O Povo Brasileiro* é "um legado político não partidário, uma tarefa histórica e uma paixão que o autor pretende compartilhar com todos os brasileiros. Mais que um exercício literário ou científico, é uma chave para o Brasil". Roberto DaMatta, antropólogo da Fundação Kellogg (EUA), não acha nada disso. Muito pelo contrário. Em livros como *Carnavais, Malandros e Heróis* ou *A Casa & a Rua* ele mostra sua antipatia pelos que falam de um Brasil "que perdeu o trem da História", de um país no qual "tudo está fora do lugar", de uma sociedade "que deu errado", e por aí afora. Sobre *O Povo Brasileiro* mostra mais do que uma antipatia: "Trata-se de um diagnóstico muito fácil e, no caso de Darcy, despuadorado. Primeiro porque será preciso discutir quem é elite. Segundo porque Darcy esquece que é da elite, menos como intelectual e muito mais como governante, mandão, legislador e classe dominante. Esse negócio de o Brasil ser uma

nova Roma faz parte das sacações do Darcy. Tem gente que gosta. Eu penso que é uma bobagem sem o menor valor heurístico, histórico ou sociológico".

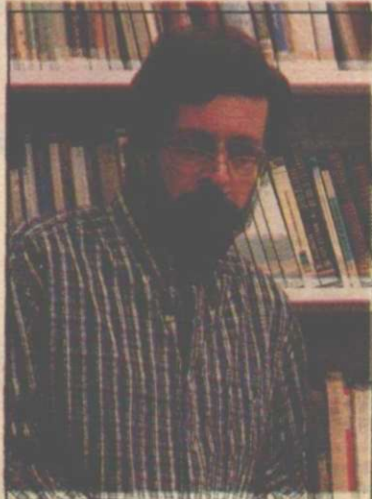
Darcy já ouviu pelo menos uma dessas palavras antes, da boca de um homem que é um oráculo. Mas não é por isso que nos próximos dias vai colocar um aparelho no ouvido. É porque é uma máquina de conversar. Fala sem pudores, por exemplo, que se orgulha dos seus fracassos, porque são quedas a favor do Bem: dos quarenta anos de luta pelos índios que ainda não foram salvos, da vida inteira pelejando pela reforma agrária que não foi feita, da batalha pela escola pública que não foi ganha. Ele vai em frente, como aquele personagem anônimo cuja profissão é a esperança. Casado duas vezes, hoje solteiro e sem filhos, tem uma namorada e acha que precisaria ter três, para não correr o risco de casar de novo e gerar uma viúva. "Há um número muito grande, mas muito menor do que deveria ser, de mulheres que me amaram", comenta. "Eu tinha direito ao dobro." Haja espelho. Nele vão se refletir 2 000 páginas de anotações sobre os urubus-caapor, indiada brava da fronteira do Pará com o Maranhão, com a qual conviveu nos anos 50, num próximo livro. E também a Fundar, Fundação Darcy Ribeiro, criada por ele há duas semanas para reunir os 30 000 volumes de sua biblioteca num só lugar, a Universidade do Norte Fluminense, em Campos. Fala sem ilusões. "Todos os meus livros vão desaparecer porque são livros teóricos e o valor que têm é momentâneo", comenta.

Esse destino ao nada já havia sido previsto anos atrás pelo sumo pontífice da antropologia mundial, o francês Claude Lévi-Strauss. Num encontro em Paris, no começo dos anos 70, ele disse a Darcy que a obra teórica de ambos era "uma bobagem", com vida máxima de vinte anos, e que o bom era o que ele, Darcy, fazia, a etnografia. "Você é um príncipe dos observadores", pontificou o autor de *Tristes Trópicos*. Nada mau para o moleque de Montes Claros, Minas Gerais, que sempre quis apenas ser eterno.

(Resposta do teste: seria preciso dar atenção aos dois grupos, mas, enquanto os intelectuais às vezes parecem meio bestas, os feirantes são mestres em mexer com mandioca, cenoura e laranjas.) ■



LULUZIAR



OSCAR CABRAL

Para DaMatta, "bobagem"; para Oliveira, "legado"